

## Assistência à saúde da mulher climatérica: uma revisão de literatura

Climate health care: a literature review

Atención de salud climática: revisión de la literatura

Recebido: 03/12/2021 | Revisado: 09/12/2021 | Aceito: 11/12/2021 | Publicado: 20/12/2021

### **Bruna Mickaelly Silva de Souza**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2566-4327>  
Universidade Paulista, Brasil  
E-mail: [brunamickaellys@outlook.com](mailto:brunamickaellys@outlook.com)

### **Eulaine Carolino Santos**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0067-6249>  
Universidade Paulista, Brasil  
E-mail: [eulainecarolino1@gmail.com](mailto:eulainecarolino1@gmail.com)

### **Giullia Campos Moreira**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1129-5580>  
Universidade Paulista, Brasil  
E-mail: [giulliacmoreira@gmail.com](mailto:giulliacmoreira@gmail.com)

### **Rebeka Oliveira da Costa**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7343-741X>  
Universidade Paulista, Brasil  
E-mail: [rokwinter@gmail.com](mailto:rokwinter@gmail.com)

### **Sheila Cristina de Almeida Rodrigues**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6904-857X>  
Universidade Paulista, Brasil  
E-mail: [sheilacristinadgp@gmail.com](mailto:sheilacristinadgp@gmail.com)

### **Andrey Hudson Interaminense Mendes de Araújo**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4718-5084>  
Universidade Paulista, Brasil  
E-mail: [andrey.araujo@docente.unip.br](mailto:andrey.araujo@docente.unip.br)

### **Resumo**

Objetivo: avaliar a assistência prestada pelo Sistema Único de Saúde (SUS) às mulheres climatéricas através da literatura recente. Métodos: Trata-se de uma revisão integrativa da literatura. Foram utilizadas as bases de dados Scientific Electronic Library Online (Scielo), Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e na Base de dados em enfermagem (BDENF). Os critérios de inclusão utilizados foram: artigos publicados entre 2016 e 2021, na língua portuguesa, originais e disponíveis na íntegra. Considerações finais: O climatério é representado como a passagem da fase reprodutiva para a não reprodutiva, causando várias alterações no corpo e no cotidiano da mulher, diante disso, a enfermagem necessita estar capacitada a prestar cuidados específicos para a melhor qualidade de vida e diminuição de agravos em tal fase da vida do público-alvo.

**Palavras-chave:** Climatério; Políticas públicas; Saúde da mulher.

### **Abstract**

Objective: To evaluate the assistance provided by the Unified Health System (SUS) to climacteric women through recent literature. Methods: This is an integrative literature review. The Scientific Electronic Library Online (Scielo), Latin American and Caribbean Literature in Health Sciences (LILACS) and the Nursing Database (BDENF) databases were used. The inclusion criteria used were articles published between 2016 and 2021, in Portuguese, original and available in full. Final considerations: Climacteric is represented as the transition from the reproductive to the non-reproductive phase, causing several changes in the body and in the woman's daily life. Therefore, nursing needs to be able to provide specific care for better quality of life and reduced grievances at such stage of the target audience's life.

**Keywords:** Climacteric; Public policy; Women's health.

### **Resumen**

Objetivo: Evaluar la asistencia que brinda el Sistema Único de Salud (SUS) a mujeres climatéricas através de la literatura reciente. Métodos: Se trata de una revisión integradora de la literatura. Se utilizaron las bases de datos de la Biblioteca Electrónica Científica en Línea (Scielo), la Literatura Latinoamericana y del Caribe en Ciencias de la Salud (LILACS) y la Base de Datos de Enfermería (BDENF). Los criterios de inclusión utilizados fueron: artículos publicados entre 2016 y 2021, en portugués, originales y disponibles íntegramente. Consideraciones finales: El climatério se representa como la transición de la fase reproductiva a la no reproductiva, provocando varios cambios en cuerpo y en la vida diaria

de la mujer. Por lo tanto, la enfermería necesita poder brindar cuidados específicos para una mejor calidad de vida y reducción. agravios en tal etapa de la vida de la audiencia objetivo.

**Palabras clave:** Climatérico; Políticas públicas; Salud de la mujer.

## 1. Introdução

Ao observar o Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE] (2021), o Brasil conta com uma população de mais de 212 milhões de habitantes, e, dentro desta projeção do ano de 2021, cerca de 3,30% da população feminina, corresponde às mulheres com idade entre 45 e 49 anos, desta forma, podemos perceber o aumento da expectativa de vida das mulheres no que se refere aos cuidados da saúde climatérica. (Rapkevitz et al., 2020).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) avalia que até o ano de 2025, a expectativa de vida das mulheres nos países em desenvolvimento chegará a ser de 78 anos. (Lima et al., 2019). Em virtude disso, poderá haver uma progressão no número de mulheres que vivenciam os sintomas climatéricos presumindo-se que passem mais de um terço da vida em estado de deficiência hormonal. (Belizário et al., 2021). Por isso, é importante assegurar que a saúde da mulher seja monitorada ao longo da vida, visto que a informação, a prevenção e o diagnóstico precoce podem ajudar a reduzir os agravos. (Mota et al., 2021)

Cerca de 50% a 70% das mulheres demonstram piora na qualidade de vida, durante e após o período do climatério. Além do aparecimento dos desconfortos físicos como fogachos, tabus vivenciados (preconceitos perpetuados pela sociedade), são fatores diretamente relacionados a agravos emocionais e psicológicos como ansiedade, depressão e até mesmo dispareunia. (Bisognin et al., 2015) Desta forma, para garantir a qualidade de vida dessas mulheres, o acesso à informação em relação as alterações hormonais, aos sintomas apresentados e o atendimento especializado, tornam-se um grande aliado nessa fase. (Meira et al., 2021)

Outra situação relevante que podemos compreender é que um número significativo de mulheres acaba por não procurar o atendimento de saúde, por acreditarem não haver o necessário acolhimento das queixas e sintomas por elas apresentadas, relatando não terem a devida atenção fornecida pelos profissionais da saúde. Assim, perdas do ânimo, do desejo sexual, da estrutura óssea, vão atrapalhando o cotidiano, fragilizando a si e suas relações interpessoais nos diversos ambientes frequentados. (Bisognin et al., 2015) Optar pelo tratamento medicamentoso como principal terapêutica, não assegura que seja a alternativa com maior eficácia para resolutividade da sintomatologia. (Gelatti et al., 2016)

Por essa razão, é importante que o enfermeiro ofereça suporte a estas mulheres, através por exemplo da escuta qualificada e converse de maneira a passar as devidas orientações necessárias podendo sugerir como melhoria e implementação, por parte do paciente a rotina de exercícios físicos. (Ministério da saúde, 2016) Além disso, essa mudança de comportamento pode auxiliar também no controle das doenças crônicas (obesidade, diabetes e hipertensão), uma vez que essas comorbidades associadas, são diretamente correlacionados às mulheres, a um agravamento no estado de saúde. (Silva et al., 2016)

A pandemia da Covid-19, afetou a oferta e o acesso dos serviços de saúde, inclusive os direcionados ao acompanhamento da saúde multidisciplinar e contínua das mulheres na menopausa. Observamos que devido a essas limitações, houve uma interrupção quanto aos cuidados da saúde da mulher no que se refere a terapia de reposição hormonal, exacerbando assim os sintomas e os fatores de risco para tromboembolismo (obesidade, tabagismo, diabetes, hipertensão), além dos efeitos adversos causado pela Covid-19. (Ferreira et al.,)

Logo, mesmo que a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) conceda aos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS) suas práticas de saúde, baseadas no modelo de atenção humanizada e centrada na integralidade do indivíduo e mantenha a visão ampliada do processo saúde-doença corroborada para uma abordagem mais humanizada, com ênfase na escuta acolhedora, no desenvolvimento do vínculo terapêutico e na integração do ser humano com o meio ambiente e na sociedade. (Ministério da saúde, 2018) Faz se necessário, contudo, considerar as necessidades apontadas pelas mulheres, de

modo que elas possam reassumir o controle de suas vidas, podendo discernir as mudanças no próprio corpo e como isso vai implicar em sua saúde. (Cardoso & Camargo, 2017)

Diante deste cenário apresentado, o estudo parte da seguinte pergunta norteadora: “Como é ofertada a assistência para as mulheres climatéricas no Brasil?” O objetivo deste trabalho é, com base na literatura recente, avaliar a assistência prestada pelo Sistema Único de Saúde (SUS) às mulheres climatéricas.

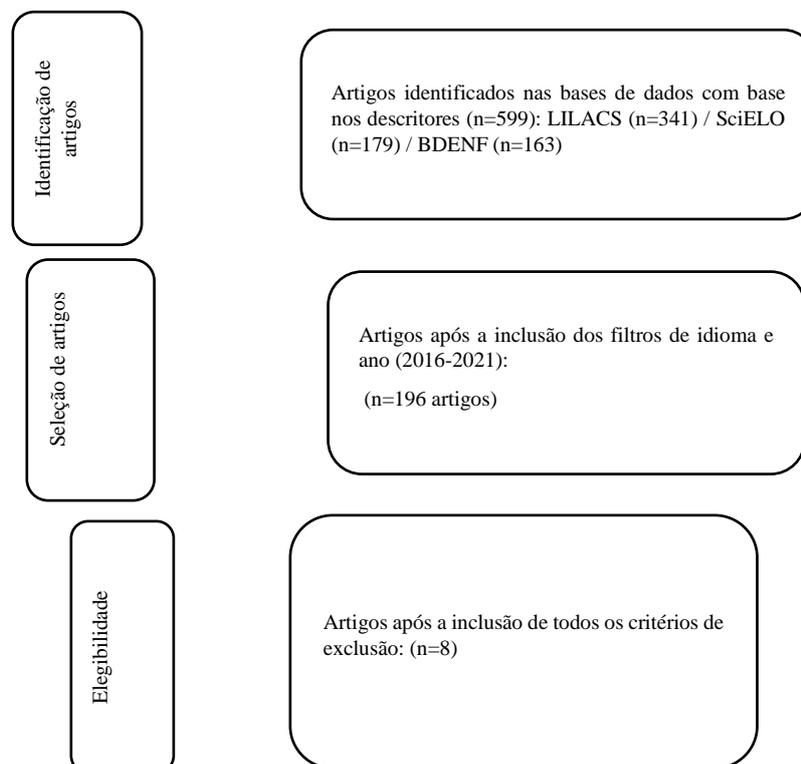
## 2. Metodologia

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura utilizando as bases de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e na Bases de dados em enfermagem (BDENF), no período de fevereiro a novembro de 2021.

Foram utilizados na busca dos artigos científicos os seguintes descritores contidos no Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), seguidos do operador booleano “and”: climatério and enfermagem; climatério and políticas públicas; e climatério and saúde da mulher. Utilizou-se como critérios de inclusão, previamente estabelecidos na estratégia de busca dos artigos: artigos originais publicados entre 2016 e 2020, em língua portuguesa e disponíveis na íntegra. Na exclusão de artigos, os seguintes critérios de exclusão foram aplicados: materiais publicados anterior a 2016, artigos em outros idiomas, revisões bibliográficas e temas que fugiam da temática escolhida.

Na fase de busca dos artigos, que estão representados na figura 1, foram identificados nas bases de dados um total de 599 artigos com o uso dos descritores. Após a inclusão dos filtros de idioma e ano, o quantitativo de artigos reduziu para um total de 196, depois foi aplicado os critérios de exclusão e obteve-se um total de 8 artigos correspondentes com a temática e objetivo deste estudo.

**Figura 1.** Fluxograma sobre a pesquisa nas bases de dados. Brasília, DF, 2021.



Fonte: Souza, et al. (2021).

### 3. Resultados

Buscando facilitar a avaliação e a análise dos dados dos artigos selecionados anteriormente, foi elaborado um instrumento que pudesse fornecer as informações detalhadas dos estudos (Quadro 1). No instrumento construído pelos autores constam os seguintes itens: Título, Autor, Objetivo, Método, Conclusão e Ano.

**Quadro 1.** Distribuição dos artigos de acordo com o título, autores, objetivo, método, conclusão e ano de publicação. Brasília, DF, 2021.

	Título	Autores	Objetivo	Método	Conclusão	Ano
Artigo 1	Percepções de enfermeiros sobre a atenção ao climatério	Banazeski, A.C., Luzardo, A.R., Rozo, A.J., Sinski, K.C., Palombit, M.R., & Conceição, V.M.	Examinar o manuseio do Climatério por enfermeiros da Atenção Básica de saúde.	Estudo descritivo, qualitativo, que tem, como referencial teórico, o conceito de percepção.	Os profissionais devem ser capacitados, de modo que sua conduta seja eficaz, consistente, abrangente e, ao mesmo tempo diferenciada. É necessário, investigar a fundo quais as principais queixas e comorbidades das mulheres, para que as mesmas possam receber um atendimento de qualidade, garantindo seu bem-estar.	2021
Artigo 2	O olhar do profissional da Atenção Primária sobre o cuidado à mulher climatérica	Luz, M.M.F., & Frutuoso, M.F.P.	Discutir acerca da opinião dos profissionais de saúde sobre o cuidado às mulheres no período de climatério na Atenção Primária (AP).	Pesquisa exploratória com abordagem qualitativa, utilizou-se uma pesquisa de intervenção, sob contato direto com o campo de investigação. Participaram 13 profissionais da ESF da região de Santos.	Nas oficinas pode ser visto pelos profissionais que o foco maior está nas ações voltadas a mulheres no período reprodutivo. Foi indicado pelos trabalhadores a necessidade de inclusão das mulheres climatéricas nas atividades já existentes na Atenção Primária (AP).	2021
Artigo 3	Percepções e sentimentos sobre as alterações corporais de mulheres climatéricas	Curta, J.C., & Weissheimer, A.M.	Compreender as percepções e sentimentos das mulheres climatéricas acerca das alterações corporais em uma cidade do Rio Grande do Sul.	Estudo qualitativo de característica exploratório-descritiva, foi realizado entrevistas com 16 mulheres em espaços públicos de Porto Alegre/RS.	Foi possível identificar que as mulheres que estão passando por essa fase possuem poucas informações sobre o climatério e não reconhecem a maioria dos sintomas. É importante que o enfermeiro crie um espaço confortável, ofereça suporte e informações que o corpo feminino está passando.	2020
Artigo 4	Ações de enfermagem na promoção da saúde e qualidade de vida de mulheres no climatério	Patrício, R.S.O., Ribeiro Junior, O.C., Ferreira, S.M.S., Araújo, T.S., Brasil, L.C., Silva, J.M., Barbosa, M.S., Cordeiro, A.V.S., Pereira, L.S., & Araújo, M.H.N.	Apresentar as experiências vividas de acadêmicos de enfermagem durante o estágio da saúde da mulher nas ações de assistência às mulheres climatéricas num parque municipal em uma cidade do Amazonas.	Estudo descritivo, do tipo relato de experiência. O qual mostra quais são as ações de enfermagem na promoção da saúde e qualidade de vida de mulheres climatéricas.	Foram desenvolvidas ações de assistência com mulheres climatéricas, o cuidado de maneira integral mostrou-se estratégico estimulando a autoestima dessas mulheres, fazendo que estas se tornem a protagonistas de suas vidas promovendo autocuidado e garantindo o bem-estar e a qualidade de vida.	2020
Artigo 5	Qualidade de vida no climatério de enfermeiras atuantes na atenção primária	Albuquerque, G.P.M., Abrão, F.M.S., Almeida, A.M., Alves, D.L.R., Andrade, P.O.N., & Costa, A.M.	Avaliar a qualidade de vida de enfermeiras que estão vivenciando o período do climatério e atuam na atenção primária de uma capital do Nordeste do Brasil.	Trata-se de um estudo de cunho descritivo-analítico, de corte transversal, realizado em 68 unidades de saúde da família da cidade do Recife, PE no período de janeiro a junho de 2016.	Os resultados demonstram que vários fatores interferem na qualidade de vida dessas enfermeiras na ESF. Foi apontado a necessidade de uma reflexão sobre as variáveis estudadas, incluindo sobre a importância da promoção de hábitos e estilos de vida saudáveis e melhores condições de trabalho e melhor remuneração.	2019
Artigo 6	Vivenciando o climatério: percepções e vivências de mulheres atendidas na atenção básica	Vieira, T.M.M., Araújo, C.R., Souza, E.C.S., Costa, M.A.R., Teotônio, E.F., Benedetti, G.M.S., & Marquete V.F.	Compreender como as mulheres no período de climatério percebem essa fase.	Estudo descritivo exploratório com abordagem qualitativa, realizado com 16 mulheres em Unidade Básica de Saúde de um município do Noroeste do Paraná.	Foi percebido a importância dos profissionais da APS em acolherem e atenderem as mulheres nesse período. É necessário que o atendimento seja feito de forma integral e proporcione conhecimento sobre o climatério e seus sintomas típicos.	2018
Artigo 7	A influência dos sintomas climatéricos na saúde da mulher	Figueiredo Júnior, J.C., Moraes, F.V., Ribeiro, W.A., Pereira, G.L.F.L., Felício, F.C., & Andrade, D.L.B.	Descrever como é influência dos sintomas climatéricos sob qualidade de vida de mulheres nessa fase.	Estudo epidemiológico, quantitativo, descritivo transversal, utilizou-se uma amostra com mulheres na faixa etária de 40 a 64 anos de idade, na cidade de Montes Claros, em Minas Gerais.	Os resultados demonstram a pouca qualidade de vida nessa fase. É importante fazer uma escuta mais ativa às queixas dessas mulheres, oferecer uma assistência mais humanizada e proporcionar uma melhor qualidade de vida às mulheres de meia idade.	2016
Artigo 8	Níveis dos sintomas climatéricos em mulheres fisicamente ativas e insuficientemente ativas	Probo, A.M.P., Soares, N.I.S., Silva, V.F., & Cabral, P.U.L.	Avaliar a diferença dos sintomas climatéricos percebidos em mulheres fisicamente ativas e sedentárias. A amostra foi composta por 60 mulheres entre 40 e 60 anos.	Estudo do tipo descritivo, transversal que incluiu uma amostra de mulheres que estão saudáveis com idades de 40 e 60 anos em uma cidade do Piauí.	Conclui-se que as mulheres mais ativas apresentarem sintomas de pouca intensidade em comparação com as insuficientemente ativas. A prática regular de exercícios físicos pode ser considerada uma opção de tratamento para reduzir os sintomas da menopausa e melhorar a qualidade de vida das mulheres de meia-idade.	2016

Foram encontrados 1 artigo em cada revista, sendo elas: Revista Nursing referente ao ano de 2016, Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde referente ao ano de 2016, Revista Enfermagem em Foco referente ao ano de 2018, Revista Brasileira de Enfermagem referente ao ano de 2019, Revista Eletrônica Acervo Enfermagem referente ao ano de 2020, Revista Gaúcha de Enfermagem referente ao ano de 2020, Revista Interface referente ao ano de 2021, Revista de Enfermagem UFPE referente ao ano de 2021.

#### **4. Discussão**

Após a leitura na íntegra de todos os trabalhos que estão inclusos nesta revisão de literatura, emergiram-se três temas: a implementação de exercício físico para melhoria dos sintomas climatéricos; o papel do enfermeiro na atenção à saúde da mulher climatérica; e a escassez de políticas públicas voltadas para o climatério.

##### **4.1 A implementação de exercício físico para melhoria dos sintomas climatéricos**

A maioria das mulheres apresentam alguma queixa relacionada ao climatério, algumas têm sintomas mais presentes outras não. Foi visto dentro dos estudos que as mulheres mais ativas tinham sintomas menos severos comparados com as mulheres menos ativas. (Vieira et al., 2018). A prática de exercícios físicos influencia a secreção de  $\beta$ -endorfinas hipotalâmica, auxiliando na redução das ondas de calor e garantindo uma melhora no humor durante o período. Mulheres fisicamente ativas, apresentam menores intensidades quanto aos sintomas relacionados ao psicológico. (Probo et al., 2016).

De modo geral, a prática de exercícios físicos auxilia na melhoria de sintomas somáticos e físicos, inclusive, proporcionando menor intensidade dos sintomas que são causados durante o climatério. Dentro dos estudos foi possível analisar que as mulheres que eram mais ativas fisicamente praticam em sua maioria atividades físicas como caminhadas, pilates, musculação, dança ou hidroginástica. (Curta & Weissheimer, 2020)

Sob uma perspectiva da literatura, observa-se que diversos apontamentos com relação à prática de exercícios indicam resultados extremamente positivos no impacto da qualidade de vida de mulheres no climatério. Tratamentos utilizados na redução dos sintomas do climatério, envolvem “mudanças na alimentação, exercícios físicos e até tratamentos de reposição hormonal (TRH) ou não hormonais”. Tais alternativas demonstram que o período do climatério não precisa ser um período de intenso sofrimento, mas pode ser adequado à prática regular de exercícios que pode fornecer a estas mulheres, mudanças na rotina e na resposta do corpo que influenciam positivamente outros aspectos da vida. (Vieira et al., 2018)

A prática regular de exercícios físicos garante um melhor condicionamento físico para estas mulheres, impactando positivamente sobre diversos aspectos da vida, reduzindo a sintomatologia do período, criando a possibilidade de estas mulheres passarem por esse momento com maior satisfação e qualidade de vida à longo prazo. (Albuquerque et al., 2019)

Outro ponto importante é que a mulher nessa fase está passando pela perda da juventude, onde elas podem acabar ficando inseguras e com autoestima abalada. Os autores destacam que o vínculo entre o exercício físico e a qualidade de vida é intensificado diante dos problemas gerados pelo climatério porque as mulheres, visivelmente, notam melhorias a partir de uma mudança no estilo de vida, a prática regular de exercício físico faz com que haja um melhor autocuidado assim estimulando em uma melhor autoestima e no melhoramento do seu bem-estar geral. (Vieira et al., 2018)

A prática de exercícios físico em uma frequência superior a três vezes por semana, corrobora não só a importância na qualidade de vida, mas também na adoção de práticas que permitam a regulação do corpo na fase após a menopausa. Dentre as contribuições dos autores, uma das entrevistadas destaca que a circulação apresentou considerável melhora a partir da prática constante dos exercícios, instituindo uma mudança de rotina que pesa sobre a redução os efeitos do climatério e garante uma passagem mais tranquila por esse período. (Curta et al., 2020)

Além da diminuição de sintomas climatéricos, a prática regular serve para a prevenção e o tratamento de diversas doenças decorrentes do envelhecimento, como a diabetes mellitus tipo 2, hipertensão, as dislipidemias (níveis elevados de lipídios no sangue) e a aterosclerose. (Probo et al., 2016) Isso acontece porque a atividade física normaliza a pressão arterial, aumenta a densidade mineral óssea, diminui os níveis de lipídios no sangue e melhora a gordura corporal, contribuindo assim para uma menor incidência dessas comorbidades. (Curta et al., 2020)

O papel do exercício físico é bastante terapêutico, devendo ser mais explorado como tratamento preferencial na redução dos sintomas. Frente a isso, identificou-se na literatura, resultados positivos quanto ao uso dos exercícios físico no tratamento dos sintomas, permitindo que mulheres no climatério tenham maior qualidade de vida, redução de sintomas, maior prazer em viver e passem mais tranquilamente por essa fase da vida de uma mulher. (Curta et al, 2020)

#### **4.2 O papel do enfermeiro na atenção à saúde da mulher climatérica**

O papel da enfermagem é largamente discutido na literatura sob os mais variados aspectos. No âmbito dos cuidados da saúde da mulher climatérica, há uma significativa redução destas publicações, provavelmente devido aos poucos estudos relacionados a essa intersecção. Ao longo da fase do climatério, a mulher enfrenta alguns efeitos das transformações biológicas que estão ocorrendo dentro dela. Nesse ponto, o papel do enfermeiro é o de auxiliador, de capacitador e de orientador de como passar por esse período sem que se perca o valor pela vida ou a autoestima. (Curta et al, 2020)

O papel dos profissionais da saúde básica é importantíssimo, servindo como um guia para que estas mulheres saibam o que e como fazer para lidar com as dificuldades que surgem das mudanças internas do corpo. (Luz & Frutuoso, 2021) A enfermagem, mais especificamente, a atenção fornecida pelo profissional, é uma ferramenta extremamente necessária para a orientação destas mulheres, explicando a elas como as mudanças ocorrem, quais os impactos sobre o ciclo menstrual, o aumento do peso, a sudorese e as ondas de calor intenso, incentivando modelos alternativos de tratamento e evidenciando que existem métodos de cuidado que podem garantir uma passagem mais tranquila por este período. (Banazeski et al., 2021)

No âmbito da promoção da saúde e da qualidade de vida, a enfermagem tem papel fundamental na identificação das alterações clínicas e nas anormalidades que podem aparecer durante esta fase. A enfermagem, sob uma abordagem mais humanizada e preocupada em dar visibilidade a estas mulheres, ainda carece de desenvolvimento, mas é fundamental que fique evidente o quanto o profissional de enfermagem detém um papel extremamente necessário aos cuidados de tais mulheres. (Patrício et al., 2020)

Muitas mulheres não compreendem, exatamente, quais são as mudanças causadas pelo climatério. Justamente por isso que o papel da enfermagem se sobressai, no acolhimento e no incentivo à busca por informações. A preparação destes profissionais para entender qual o tipo de abordagem a ser utilizada é extremamente fundamental, garantindo assim que estas mulheres sejam ouvidas e atendidas, recebam o cuidado necessário dos serviços públicos de saúde. É nesse processo que se constroem programas de acolhimento mais efetivos, assim como treinamento de profissionais para que estes estejam preparados para atenderem aos problemas enfrentados por estas mulheres. (Vieira et al., 2018)

O climatério causa sobre as mulheres (depressão, secura vaginal, cefaleia, irritabilidade, dificuldade de concentração, entre outros), surgindo por meio de três fases: a pré-menopausa, a perimenopausa e a pós-menopausa, causando desconforto e outros problemas com os quais é muito mais fácil conviver se as informações relacionadas a estas são orientativas. Frente a isso, a enfermagem é um dos elementos determinantes na qualidade de vida da mulher, porque essa profissão é capaz de orientar e de acolher, estabelecendo uma relação efetiva entre a mulher, espaço público de saúde e acolhimento. (Júnior et al., 2016)

Destaca-se, nesse sentido, que o papel do profissional de enfermagem não só se relaciona aos cuidados do climatério, mas precisa se fazer presente. Observa-se, contudo, algumas lacunas relacionadas a esse processo, especificamente no que tange

a maior visibilidade destas mulheres no atendimento e nos cuidados, tendo em vista que esse período não recebe o mesmo desenvolvimento acadêmico e científico quando comparado às mulheres puérperas. (Luz et al., 2021)

#### **4.3 Escassez de políticas públicas voltadas para o climatério**

Existe pouco interesse em estudos relacionados ao climatério, em especial no que tange a compreender como as mulheres se sentem durante este período. Para os autores, existe uma lacuna acadêmica nesse sentido, assim como uma falta de acolhimento de modo geral, justamente pela pequena visibilidade que este grupo de mulheres encontra na sociedade. (Banazeski et al., 2021)

Nenhum programa efetivo que tenha sido desenvolvido no âmbito da saúde básica está, de fato, sendo aplicado na sociedade para garantir melhorias na qualidade de vida destas mulheres. Posto isso, verifica-se uma lacuna no atendimento a elas, pela falta de profissionais preparados, de programas públicos direcionados a orientações básicas e ao acompanhamento que auxilie na qualidade de vida durante o climatério. É possível considerar que a saúde da mulher é bastante seletiva, praticamente condicionada de forma exclusiva às questões reprodutivas. (Luz et al., 2021)

A leitura dos textos aponta uma dificuldade quanto aos cuidados no climatério no que tange à busca por informações. Poucas são as orientações para mulheres nessa fase da vida, o que se associa, possivelmente, a uma temática de estudo que não se apresenta como interesse superior. É evidenciada a escassez de políticas públicas no que tange aos cuidados de mulheres no climatério. Os autores apontam “inexistência de ações centradas na população feminina no climatério, pois apesar dos esforços este campo de atuação não se estabelece como prioritário” (Patrício et al., 2020, p. 3), indicando uma prevalência do interesse de saúde pública no sistema reprodutivo. (Patrício et al., 2020)

O que surge disso, é uma assistência extremamente fragmentada, que ainda precisa ser desenvolvida com maior afinidade para com as necessidades destas mulheres. Verifica-se um conhecimento sumário delas sobre si e o período pelo qual estão passando, restringindo atendimentos mais específicos apenas a casos que apresentam gravidade ou problemas que condicionam a existência destas mulheres a sofrimento e problemas relacionados à saúde. (Patrício et al., 2020)

Os cuidados nesse período exigem uma rede de apoio e atendimento, isto porque este é um período delicado da vida feminina, em que as mudanças fisiológicas exigem adaptações, tanto físicas como psicossociais, somam-se outras variáveis potencialmente negativas, especialmente se estas mulheres estão empregadas, exercem funções domésticas ou precisam contribuir no sustento da casa. O cansaço, a solidão e os problemas relacionados a este período precisam ser melhor explorado no sentido de instituir políticas públicas que sejam voltadas para mulheres climatéricas. (Albuquerque et al., 2019)

“O fato de o climatério ser caracterizado por mudanças biológicas, psíquicas e sociais talvez induza a associá-lo com doença e nesta fase as mulheres acabam sendo medicadas com psicotrópicos em demasia”, apontam Vieira et al. (2018, p. 41), indicando que a falta de estudos nesse sentido, que objetivem investigar as diferentes possibilidades de cuidado e identificação desse período, precisa evoluir. Nota-se, inclusive, que há pouca orientação da própria equipe de atendimento básico para lidar com os problemas oriundos do climatério. (Vieira et al., 2018)

## **5. Considerações Finais**

O climatério é representado como a passagem da fase reprodutiva para a não reprodutiva, causando várias mudanças no corpo e na vida da mulher. O estudo ressalta a necessidade de uma maior preocupação com as mulheres que vivenciam o climatério, pois nas unidades de saúde não existem orientações específicas para esta fase. Como não há ações apropriadas e instruções de como fazer o acolhimento, muitos profissionais não sabem como acolher adequadamente essas mulheres focando somente nos sintomas clínicos da menopausa.

É importante que os profissionais acolham estas mulheres implementando-as dentro das ações que já são realizadas na Atenção Primária à Saúde (APS), como na consulta de hiperdia e no preventivo, onde poderá ser feita a educação em saúde, explicar sobre a fase que estão vivenciando, sua sintomatologia e os tratamentos disponíveis.

Vale ressaltar que o estudo apresentou algumas limitações. Não existem, ao que se pode observar na literatura analisada, políticas públicas que melhor qualifiquem o atendimento destas mulheres, ou mesmo que gerem movimentos de instrução e orientação para que elas possam lidar com as mudanças ocorridas nesta fase. Profissionais envolvidos diretamente com o cuidado à saúde da mulher, precisam ser precursores de um movimento que não invisibilize estas mulheres, mas que as coloque em destaque e permita que o sistema de saúde público passe a atentar-se às suas necessidades.

O fato de não existirem muitos artigos sobre o tema escolhido e de ter poucas políticas públicas relacionadas ao climatério, dificultou a pesquisa. Existe a necessidade de que sejam elaborados mais artigos e trabalhos futuros acerca desta temática, visando assim uma maior abrangência do cuidado e nos serviços prestados as mulheres climatéricas.

## Referências

- Albuquerque, G. P. M., Abrão, F. M. S., Almeida, A. M., Alves, D. L. R., Andrade, P. O. N., & Costa, A. M. (2019). Qualidade de vida no climatério de enfermeiras atuantes na atenção primária. *Rev. Bras. Enferm.*, 79(3), 154-161. [http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-71672019000900154&lng=pt](http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672019000900154&lng=pt)
- Banazeski, A. C., Luzardo, A. R., Roza, A. J., Sinski, K. C., Palombit, M. R., & Conceição, V. M. (2021). Percepções de enfermeiros sobre a atenção ao climatério. *Rev. Enferm UFPE*, 15:e245748. <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/245748/37522>
- Belizário, R. D., Trintin, P. L., Labes, E., Aoke, K., Cachuba, T. R., & Purim, K. S. M. (2021). Conhecimento das mulheres sobre a terapia de reposição hormonal. *Rev. Med. Paraná*, 79(1), 14-18. [https://www.amp.org.br/site/arquivos/revistasarquivos/revista-medica-do-parana-volume-79-n-1-janeiro-junho-2021\\_1625669497.pdf](https://www.amp.org.br/site/arquivos/revistasarquivos/revista-medica-do-parana-volume-79-n-1-janeiro-junho-2021_1625669497.pdf)
- Bisognin, P., Alves, C. N., Wilhelm, L. A., Prates, L. A., Scarton, J., & Resse, L. B. (2015). O climatério na perspectiva de mulheres. *Enferm. Glob.*, 14(39), 155-167. [https://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1695-61412015000300008&lng=es&nrm=iso&tlng=pt](https://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1695-61412015000300008&lng=es&nrm=iso&tlng=pt)
- Cardoso, E. C., & Camargo, M. J. G. (2017). Terapia ocupacional em saúde da mulher: impacto dos sintomas do climatério na atividade profissional. *Rev. Tempus*, 11(1), 153-167. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-880722>
- Curta, J. C., & Weissheimer, A. M. (2020). Percepções e sentimentos sobre as alterações e sentimentos sobre as alterações corporais de mulheres climatéricas. *Rev. Gaúcha Enferm.* (41), 1-9. <https://www.scielo.br/j/rgefn/a/PNXLw4JH78y8T64t6fRQ6NB/?lang=pt>
- Ferreira, V. C., Silva, M. R. F., Montovani, E. H., Colares, L. G., Ribeiro, A. A., & Stofel, N. S. (2020). Saúde da mulher, Gênero, Políticas Públicas e Educação Médica: agravos no contexto da pandemia. *Rev. Bras. Educ. Med.*, 44(01). <https://www.scielo.br/j/rbem/a/tWK6pDmBhqJHhKN6F4DVPZL/?lang=pt>
- Figueiredo Júnior, J. C., Moraes, F. V., Ribeiro, W. A., Pereira, G. L. F. L., Felício, F. C., & Andrade, D. L. B. (2020). A influência dos sintomas climatéricos na saúde da mulher. *Revista Nursing*, 23(264). <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1102701>
- Gelatti, G. T., Kal, J. B., Gewehr, D. M., Bandeira, V. A. C., Oliveira, K. R., Colet, C. F., & Berlezi, E. M. (2016). perfil de anti-hipertensivos. *Rev. Bras. Hipertens.*, 23(3), 66-73. [https://docs.bvsalud.org/biblioref/2018/03/880244/rbh-v23n3\\_66-73.pdf](https://docs.bvsalud.org/biblioref/2018/03/880244/rbh-v23n3_66-73.pdf)
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2021). IBGE-Números do Censo 2021. (28 de fevereiro de 2021) <https://censo2021.ibge.gov.br/sobre/numeros-do-censo.html>
- Lima, A. M., Rocha, J. S. B., Reis, V. M. C. P., Silveira, M. F., Caldeira, A. P., Freitas, R. F., & Popoff, D. A. V. (2019). Perda de qualidade de sono e fatores associados em mulheres climatéricas. *Ciênc. Saúde Colet.*, 2667-2678. <https://www.scielo.br/j/csc/a/DvyPVTRh79y77cnKS6jzykb/?format=pdf&lang=pt>
- Luz, M. M. F., & Frutuoso, M. F. P. (2021). O olhar do profissional da atenção primária sobre o cuidado à mulher climatérica. *Interface*, (25), 1-12. <https://www.scielo.br/j/icse/a/RpT5XMjvwmdLph79pW8Wq8J/?lang=pt>
- Meira, L. F., Morais, K. C. S., Sousa, N. A., & Ferreira, J. B. (2021). Função sexual e qualidade de vida em mulheres climatéricas. *Fisioter. Bras.*, 21(2), 189-196. <https://portalatlanticaeditora.com.br/index.php/fisioterapiabrasil/article/view/2671/pdf>
- Ministério da Saúde. (2016). Protocolos da Atenção Básica: saúde das mulheres. Editora MS, (1), 1-230. [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/protocolos\\_atencao\\_basica\\_saude\\_mulheres.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/protocolos_atencao_basica_saude_mulheres.pdf)
- Ministério da Saúde. (2018). Manual de implantação de serviços de práticas integrativas e complementares no SUS. Editora MS, (1), 7-14. [http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/publicacoes/manual\\_implantacao\\_servicos\\_pics.pdf](http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/publicacoes/manual_implantacao_servicos_pics.pdf)
- Mota, L. J., Matos, G. V., & Amorim, A. T. (2021). Impactos do climatério em mulheres do sudoeste baiano. *Research, Society and Development*, 10(7), 1-8. <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/16563/14727>

Patrício, R. S. O., Ribeiro Junior, O. C., Ferreira, S. M. S., Araújo, T. S., Brasil, L. C., Silva, J. M., Barbosa, M. S., Cordeiro, A. V. S., Pereira, L. S., & Araújo, M. H. N. (2020). Ações de enfermagem na promoção da saúde e qualidade de vida de mulheres no climatério. *REAEenf.*, (4), 1-6. <https://acervomais.com.br/index.php/enfermagem/article/view/4782>

Probo, A. M. P., Soares, N. I. S., Silva, V. F., & Cabral, P. U. L. (2016). Níveis dos sintomas climatéricos em mulheres fisicamente ativas e insuficientemente ativas. *Rev. Bras. Ativ. Fís. Saúde*, 21(3), 246-254. <https://rbafs.org.br/RBAFS/article/view/7336/6027>

Rapkevicz, J. D., Saraiva, L., Wibelinger, L. M., & Batista, J. S. (2020). Fatores associados à qualidade de vida em mulheres idosas pós-menopausa. *Saúde e Pesqui.*, 3(4), 779-787. <https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/saudpesq/article/view/8642/6437>

Silva, V. H., Rocha, J., & Caldeira, A. P. (2016). Fatores associados à autopercepção negativa de saúde em mulheres climatéricas. *Ciênc. saúde colet.*, 23(5). <https://www.scielo.br/j/csc/a/xHhnk8FVsPW9SrLtxKKsTVm/?lang=pt>

Vieira, T. M. M., Araújo, C. R., Souza, E. C. S., Costa, M. A. R., Teston, E. F., Benedetti, G. M. S., & Marquete, V. F. (2018). Vivenciando o climatério: percepções e vivências de mulheres atendidas na atenção básica. *Enferm. Foco*, 9(2), 40-45. <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/1084/443>